Editores:
Luís Henriques
Mariana Pinto dos Santos
Silvina Rodrigues Lopes

Editor convidado: André Barata

O TRABALHO

NÚMERO 7 · 2015

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Alberto Pimenta • André Barata • Andrea Ragusa
António Bento • Daniela Gomes • Fernando Gastal de Castro
Filipe Pinto • Isabel Baraona • Joana Estorninho de Almeida • João Fonte Santa
José Miguel Silva • Luís Henriques • Luis Manuel Gaspar • Margarida Vale de Gato
Mariana Pinto dos Santos • Miguel Martins • Paulo Varela Gomes
Renato Miguel do Carmo • Ricardo Castro • Rui Pires Cabral
Silvina Rodrigues Lopes • Tiago Manuel
João Albuquerque • Nuno Crespo

Revisão: os editores e Rui Miguel Ribeiro

Paginação, sobre projecto original de
Olímpio Ferreira: Luís Henriques

Impressão e acabamentos: Europress

Issn: 1646-2696
Depósito Legal: 227446/05

EDIÇÃO

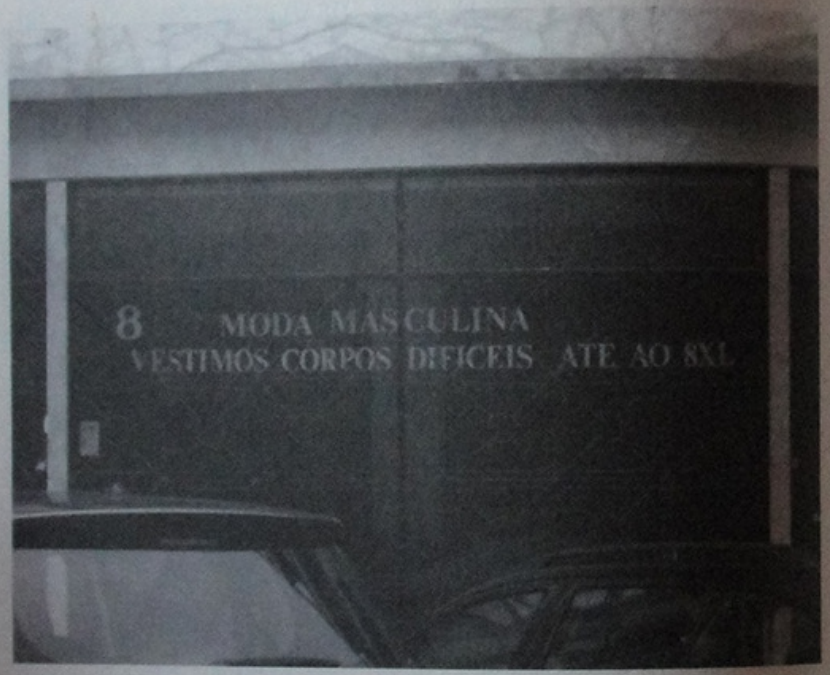
VENDAVAL
Pianola

O corpo difícil do desempregado

(a partir de duas fotografias do meu bairro)

Filipe Pinto

O desempregado não tem o dia útil destinado; não o tem livre igualmente, porque o desemprego é constituído por demasiadas severidades, que o apertam, que lhe constrangem o quotidiano. (Ser livre é conhecer todas as suas possibilidades ou é exactamente o contrário?) § Consegue o desempregado empregar o seu tempo? o seu tempo tóxico? Empregar é utilizar; utilizar conserva ainda bem visível a sua raiz útil — utilizar, tornar útil. Consegue o desempregado tornar útil o tempo do dia útil? § O desempregado não perde apenas a subsistência, pode perder também o seu tempo, ou o emprego do seu tempo; isto é — a prisão do tempo livre do desempregado. O que faz o desempregado/ com o seu corpo difícil/ desocupado? (O desempregado, o corpo desocupado, utópico, sem lugar. O desemprego parece um exílio, isto é, fora do mundo; o desempregado perturba a lógica pré-definida da civilidade.) § Os desempregados são as pessoas na rua à hora do expediente — passo lento e espaçado, olhar vago e desatento, sem destino aparente; ou melhor, o desempregado quando sai de casa sai já com o destino traçado — a casa precisamente, quando a volta do passeio se completa; (só o mendigo, o desempregado mais extremo, já não anda — senta-se no chão do passeio e estende os membros); e os reformados (mais velhos) e as mães (mais jovens), que se passeiam ao passear os minúsculos filhos, estes ainda só pulmões e garganta aguda e franca. § Os desempregados são os ocupantes dos bancos — do jardim, do autocarro, da praça central do centro comercial; das esplanadas onde lêem os jornais gratuitos à frente do mesmo café e copo de água durante toda uma manhã. § As ruas esvaziadas pelo trabalho unânime que acalmava a tarde da cidade, enchem-se agora de walkers. O corpo difícil do desempregado — um obstáculo lento no meio do bulício do negócio; (o corpo pesa tanto que mesmo na rua plana parece subir uma calçada). A lentidão do desempregado, o vigor do trabalhador — esta é a batalha surda e implícita que se trava nas ruas apinhadas da tarde; o potencial encontro resume-se agora ao encontrão inevitável entre as diferentes velocidades — a buzinadela muda mútua entre seres imiscíveis. § A própria rua, cariada pelas lojas fechadas, vazias, abandonadas, é agora apenas uma via por onde os passeantes se escoam. As ruas perderam porosidade, ou, a porosidade das ruas é agora ocasionada pelas lojas de compra do ouro da



família aflita. Estas novas ruas, de fachadas impermeáveis, fazem lembrar aquelas outras, ladeadas apenas por traseiras de prédio negligenciadas — lá em cima roupa estendida, uma janela aberta, um gato que nos olha do lado quente do vidro. (Vende-se, arrenda-se, aluga-se, trespassa-se — a crise pôs os prédios a dirigirem-se a nós como nunca antes); mesmo as obras/ tapadas por tapumes/ permanecem/ paradas. § Os dias sucedem-se sem nada suceder// em casa/ esvazia-se o olhar no buraco luminoso do ecrã. § O pessimista vê-se obrigado a inventar todos os dias novas razões para existir, escreveu o pessimista Cioran; o desempregado, a cada nova manhã, faz a sua nova agenda. O dia sem fim, isto é, sem finalidade, imposta e exposta, exige ao desempregado um sentido — a vida não é o intervalo de tempo que demora a preparar um cadáver. § O corpo do desempregado pede uma nova erótica — em vez de uma hermenêutica —, uma reabilitação estética. Mas o desemprego não é uma oportunidade. A crise não é uma oportunidade. Pelo contrário, é quando as oportunidades falecem. Mas a ausência de destino e sentido com que cada manhã recebe o desempregado, permite, ainda assim, uma redistribuição — do sensível, da potência, da força. § Trata-se portanto de uma nova porosidade (uma erótica), do corpo, da cidade, do quotidiano. Trata-se da/ reabilitação estética/ do corpo difícil/ do desempregado.